

CONCRETIZANDO DESEJOS: ASPECTOS PÓS-COLONIAIS E A EMANCIPAÇÃO FEMININA NO POEMA PINGENTES DE CITRINO, DE ADÉLIA PRADO

Adriana Minervina da Silva¹

RESUMO: Este estudo trata-se de uma análise do poema “Pingentes de citrino”, da escritora Adélia Prado, destacando os aspectos pós-coloniais e a questão da emancipação feminina. Propomos uma leitura do poema guiada pelas perspectivas abordadas pelos Estudos Culturais e Pós-coloniais, observando a atitude descolonizadora do texto ao tratar do ato de “furar as orelhas” como a concretização de um desejo reprimido por consequência de um pensamento colonial, opressor e patriarcal. O poema ainda trata da necessidade da emancipação feminina. Um eu-poético feminino descreve como modifica sua identidade ao realizar o dito desejo de “furar as orelhas e usar brincos”. A partir disso, refletimos a pertinência do direito à voz das mulheres, historicamente silenciadas e subalternizadas. Destacamos aqui os avanços dos estudos feministas e suas contribuições, valorizando o protagonismo e a produção intelectual feminina. Consideramos que o poema traz uma perspectiva de desconstrução quanto à expectativa do desejo colonial e ao desejo feminino concretizado, revelando-se com uma atitude emancipadora. Reconhecemos a literatura como um locus favorável às reflexões sobre a construção da identidade de gênero, possibilitando uma compreensão plural sobre a categoria de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Literatura Brasileira, Estudos Pós-Coloniais, Estudos Culturais.

RESUMEN: Este estudio se trata de un análisis del poema “Pingentes de citrino”, de la escritora Adélia Prado, destacando los aspectos poscoloniales y la cuestión de la emancipación femenina. Proponemos una lectura del poema guiada por las perspectivas abordadas por los Estudios Culturales e Poscoloniales, observando la actitud descolonizadora del texto al tratar del acto de “perforar las orejas” como concretización de un deseo reprimido por consecuencia de un pensamiento colonial, opresor y patriarcal. El poema aún trata de la necesidad de la emancipación femenina. Un yo poético femenino describe como modifica su identidad al realizar dicho deseo de “perforar las orejas y llevar pendientes”. A partir de eso, reflexionamos la pertinencia del derecho a la voz de las mujeres, históricamente silenciadas y subalternadas. Destacamos aquí los avances de los estudios feministas y sus contribuciones, valorando el protagonismo y la producción intelectual femenina. Consideramos que el poema trae una perspectiva de desconstrucción en cuanto a la expectativa del deseo colonial y al deseo femenino concretizado, revelándose con una actitud emancipadora. Reconocemos la literatura como un locus favorable a las reflexiones acerca de la construcción de la identidad de género, posibilitando una comprensión plural sobre la categoría de género.

PALABRAS-CLAVE: Género, Literatura Brasileña, Estudios Postcoloniais, Estudios Culturales.

¹ Mestranda em Letras, Teoria da Literatura, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL-UFPE). E-mail: adriana-letras@hotmail.com

1. Introdução

A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio. (SPIVAK, 2012. p.165).

Muito se tem discutido acerca da pós-colonialidade enquanto conceito e as fronteiras que a afetam em relação a outros conceitos, como colonialismo e imperialismo. Para compreender esse processo, é preciso considerar as questões políticas, sociais e econômicas que se relacionam a esse contexto e o tornam ainda mais complexo.

Segundo Hall (2003), o conceito de pós-colonial pode nos ajudar a “descrever ou caracterizar a mudança nas relações globais, que marca a transição (necessariamente irregular) da era dos Impérios para o momento da pós-independência ou da pós-descolonização.” (HALL, 2003, p.107). A partir dessa compreensão, o pós-colonial é momento contemporâneo, a atual conjuntura politicamente formada pelas nações descolonizadas após a “independência” de suas colônias.

Porém, sabemos que o trauma colonial não é fácil de ser superado e que muitas nações, povos e etnias ainda estão em processo de construção de suas identidades culturais, organização social e política de suas culturas. É papel dos Estudos Culturais dar voz e visibilidade a todos os que foram historicamente silenciados e deixados à margem, promovendo o seu protagonismo e apresentando os fatos a partir desse outro, o subalternizado, o descolonizado.

Diante disso, este estudo trata especificamente sobre aspectos pós-coloniais a partir de uma visão sobre a mulher, colocada nesse lugar de margem, agora, buscando emancipação a partir das reivindicações e conquistas dos estudos feministas e de gênero. Para tanto, tal discussão será suscitada a partir do poema *Pingentes de citrino*, de Adélia Prado, que, a partir de uma voz marcadamente feminina no poema, fala sensivelmente dessa condição reprimida da mulher e do seu expansivo desejo de “furar as orelhas”, algo que modifica essa identidade de gênero e a torna mais corajosa.

Para tanto, contaremos com as ideias de Hall (2003), Prysthon (2002) e Young (2005) acerca das questões que envolvem os Estudos Culturais e o pós-colonialismo, bem como, Schimidt (1999), Spivak (2012), Lauretis (1994), Oliveira (1993) e Butler (2013) quanto às questões específicas dos estudos de gênero, feminismo e produção intelectual e protagonismo feminismo.

2. O que é o pós-colonial?

Stuart Hall (2003), em seu texto *Quando foi o pós-colonial* (Pensando no limite), discute o conceito de pós-colonialismo a partir da visão de diversos autores. Hall apresenta o tema a partir de uma série de questionamentos sobre os limites do pós-colonial e os seus ‘outros’: o colonialismo, o Terceiro Mundo e o imperialismo.

Uma das primeiras questões refletidas é a pertinência desse termo. Ele discute a partir da visão de Shohat que o termo dá ideia de passado, remete a um tempo definitivamente concluído e fechado. Nessa perspectiva, seria já uma ambiguidade, pois

o termo em si não esclarece periodização epistemológica ou cronologicamente (SHOHAT *apud* HALL, 2003, p. 102).

Ainda sobre a discussão do termo, Prysthon (2002, p. 131) afirma que pós-colonial e pós-colonialismo surgem a partir dos anos 80 como termos substitutos para Terceiro Mundo, tanto em produções acadêmicas, como em polêmicas intelectuais.

O termo “pós-colonial” traz esse desconforto por ser, de certo modo, universalizante, confuso e descentrado. Sugere as mudanças das relações e a quebra de binarismos há muito tempo cristalizados pelas sociedades, como centro-margem, colonizador-colonizado, colonização-descolonização, entre outros.

Para Hall (2003), o termo pode ser útil na identificação do que são essas “novas relações e disposições do poder que emergem nesta nova conjuntura” (HALL, 2003, p.107). Nessa perspectiva, o pós-colonial além de ser considerado um processo de desvinculação política do passado colonial, é também essa nova conjuntura emancipadora que surge a partir dessas novas relações globais.

Por isso, para o autor, o termo se refere, de fato, ao processo geral da descolonização, que marcou distinta e profundamente tanto as sociedades colonizadoras quanto as colonizadas (HALL, 2003, p.108). Daí a necessidade de subversão dos binarismos, pois os efeitos negativos desse processo são os fundamentos da mobilização política anticolonial, que visam ir contra o pensamento e o discurso colonial que ainda vigoram, propiciando o direito à voz aos sujeitos postos à margem.

Sobre a persistência do discurso colonial, segundo Prysthon (2002), “a teoria pós-colonial tenta, então, abarcar a cultura mundial depois que a experiência colonial ‘já passou’. Assim, *tomando* como ‘passada’ tal experiência.” (PRYSTHON, 2002, p.135). Para a autora, considerar como acabada a experiência colonial é inevitavelmente controverso, pois a teoria pós-colonial não considera a existência de um fator que é fundamental para os países chamados terceiro-mundistas ou pós-coloniais, que é o neocolonialismo.

As novas formas de colonialismo seguem afetando profundamente as nações descolonizadas, tentando dominar sua cultura, seu capital, seus hábitos de consumo, afetando política e socialmente esses povos. O discurso colonial ainda é muito presente, e visa oprimir e cada vez mais deixar os sujeitos que não estão no centro à margem, já que não participam do processo de dominação.

Robert Young (2005, p.206), afirma que, segundo a lógica de dominação colonial, o “sujeito em lugar de estar no centro é ‘produzido como um mero resíduo’ das operações das máquinas desejanças, o desdobramento nômade dos espaços mentais estriados e do corpo definido como longitude e latitude”. Sendo indivíduos ou grupos, temos nossos corpos atravessados pelo que o autor compara com meridianos e linhas geodésicas, diferindo apenas em natureza, e sendo conduzidos a corresponder ao desejo colonial de opressão e exclusão.

Conforme afirma ainda Young (2005), um dos papéis do historiador anticolonialista é

reconstituir uma história subalterna que reescreva o relato recebido, tanto pelos acadêmicos colonizáveis quanto pela elite nativa dominante, uma história do

excluído, do destituído de voz, daqueles que foram, anteriormente, na melhor das hipóteses, apenas o objeto de um saber e de uma fantasia coloniais (YOUNG, 2005. p. 199).

De certo modo, esse papel também nos toca enquanto pesquisadores da área dos Estudos Culturais, que buscam identificar e questionar as novas formas de colonização, bem como direcionar o foco de estudo para esses sujeitos destituídos de voz. O interesse maior agora é deixá-los falar, tendo a oportunidade de reescrever as suas histórias e de recompor suas identidades a partir das marcas deixadas pela experiência colonial.

Nesse contexto, se pensarmos na condição social da mulher, podemos considerar que o imaginário de dominação patriarcal também é uma forma de neocolonialismo, pois possui interesses na manutenção desse sistema patriarcal, mantendo a mulher à margem enquanto sujeito, com seus direitos e desejos negados. Tal discurso se construiu e consolidou historicamente e, ao longo dos últimos anos, com os avanços dos estudos feministas, tenta-se desconstruí-lo, a fim de promover a emancipação e o protagonismo feminino na sociedade.

3. Literatura de autoria feminina: relevância e protagonismo

Historicamente, as mulheres foram consideradas não apenas diferentes dos homens, mas também inferiores. Na lógica de dominação patriarcal não havia espaço para este sujeito, subalternizado desde a sua origem, destinado à obediência de uma figura masculina; inicialmente, na infância, o pai; posteriormente na vida adulta, um marido. Considerada incapaz de defender-se sozinha ou até mesmo de falar, pensar e agir por si, a mulher foi destinada ao convívio do lar, tendo alguns saberes e direitos negados.

Ao sujeito feminino foi reservado o lugar obscuro da margem, da exclusão e assujeitamento às vontades masculinas. Para Spivak (2012), “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2012, p.85).

Segundo Schmidt (1999), ao reivindicar seu lugar de fala e seu direito à voz, tanto no âmbito social quanto no literário, as mulheres o reivindicam “no lugar da hegemonia da interpretação dos textos/do mundo, (...) de onde os sujeitos ex-cêntricos – a mulher, o negro, o nativo, o estrangeiro, enfim, as minorias, foram secularmente exilados (SCHMIDT, 1999, p.26). É desse lugar de fala subalternizado que falam as mulheres.

Na contemporaneidade, com os avanços dos estudos feministas e também do próprio movimento, reivindica-se uma mudança de perspectiva da condição da mulher. Conforme afirma Oliveira (1991): “Na verdade, aqui se prenuncia uma nova concepção da igualdade, não mais apoiada na similitude mas na diferença sem hierarquia (OLIVEIRA, 1991, p.71).

Inicialmente, ao longo da trajetória dos estudos feministas, havia a necessidade de afirmação de igualdade, de provar que as mulheres não são inferiores ao homem. Ainda segundo Oliveira (1991), num segundo momento, em meados dos anos 70, houve contestações que amadureceram ao longo do tempo e seguem ganhando forma. Trata-se

da ideia de que “as mulheres não são inferiores aos homens e também não são iguais a eles e que essa diferença, longe de representar uma desvantagem, contém um potencial enriquecedor de crítica da cultura” (OLIVEIRA, 1991, p.71).

Assim, reivindicamos o protagonismo da mulher enquanto produtora de discursos e de saberes, principalmente no campo das letras, a fim de desconstruir o pensamento patriarcal. Em outras palavras, conforme afirma Schmidt (1999):

Trata-se, portanto, de dar visibilidade à autoria feminina e assim, reconstruir a voz da mulher e suas representações no contexto da natureza gendrada da autoridade/paternidade cultural que funda o prestígio da função autoral (SCHMIDT, 1999, p.37).

Tal visibilidade já vem sendo construída ao longo dos anos com a ajuda dos estudos feministas e de gênero. Porém, é ainda insuficiente diante da conjuntura contemporânea que segue subalternizando a mulher e as minorias de um modo geral. É um movimento de resistência que propõe a compreensão da categoria de gênero e de suas identidades de modo mais fluido e contínuo e não fixo e acabado.

Propomos, assim, uma leitura gendrada, centrada nas especificidades do gênero conforme propõe Teresa de Lauretis (1994), reconhecendo a mulher não apenas como um sujeito social, mas também como um sujeito “constituído no gênero (...), um sujeito ‘engendrado’ não só pela experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo, em vez de único (...)” (LAURETIS, 1994, p.208).

Lauretis (1994) traz importantes discussões sobre a categoria de gênero em seu capítulo *A tecnologia do gênero*. Para a autora, as tecnologias de gênero estão no mundo, e a cada dia somos influenciados por elas. Elas estão presentes nas instituições religiosas, de ensino, na mídia, na sociedade, enfim, são as múltiplas visões sobre a questão de gênero que nos são apresentadas e ensinadas cotidianamente ao longo de nossas vidas e cabe a nós aceitá-las tal qual nos apresentam ou (des)construir esses conceitos e reelaborá-los.

Outro importante conceito discutido pela autora, tratado como um dos conceitos fundamentais do feminismo, é a ideia de que o “pessoal é político”. A partir do momento em que aceitamos essa afirmação como verdadeira não podemos mais afirmar que existem duas esferas da realidade social, a doméstica, também chamada de privada e a pública, do trabalho e da produtividade. Segundo a autora, “em vez disso, poderíamos imaginar vários conjuntos inter-relacionados de relações sociais – relações de trabalho, classe, raça e sexo-gênero” (LAURETIS, 1994, p.215).

A partir dessa ideia, podemos ter essa compreensão múltipla e plural da categoria de gênero e ainda refletir que o que acontece às mulheres no âmbito do privado é também político e, portanto, de responsabilidade social. Concordamos com Oliveira (1991, p.59) quando afirma que o papel atual dos estudos feministas é feminizar o mundo, apresentando à sociedade as angústias sofridas e silenciadas pelas mulheres. É lançar o peso antes carregado apenas pelas mulheres aos braços da sociedade e, de algum modo, angustiá-la também, tornando-a sensível a todas essas dores.

Algumas dessas dores sentidas pelas mulheres podem ser observadas no poema *Pingentes de citrino*, de Adélia Prado. Um eu-poético feminino resume e reflete sobre sua vida a partir da concretização de um desejo anteriormente reprimido, agora, realizado. Essas dores são compartilhadas também por outras mulheres, que sofrem por comedimento e por medo. A literatura aqui é entendida como uma construção discursiva favorável à reflexão sobre a identidade de gênero.

4. Pingentes de citrino: o processo de encorajamento feminino

Adélia Prado, poeta mineira, nascida em 1935, é uma das escritoras mais conhecidas do Brasil. Seu primeiro livro, *Bagagem*, foi publicado em 1976. Dona de uma grande maturidade poética, vem encantando leitores e aumentando a sua fortuna crítica, marcando com sua escrita singular as décadas de 70, 80, 90 e início dos anos 2000. Escreve também em prosa e produz ensaios críticos, tornando-se uma intelectual importante para a literatura brasileira contemporânea.

Adélia escreve literatura desde a sua adolescência, porém, passa a publicar somente aos 40 anos de idade. Entre os temas mais frequentes em sua obra destacamos a religiosidade, a infância, o cotidiano, a vida simples e doméstica e a condição feminina. Em *Pingentes de citrino*, vemos a mulher que foi colocada em uma condição de desconforto, que se revela em mudança de identidade pela realização de um desejo. Este poema se encontra na obra *Miserere*, publicada em 2013.

Pingentes de citrino Tão
lírica minha vida, difícil
perceber onde sofri.
Depois de décadas de reprimido desejo, furei
as orelhas.
Miúdos como grãos de arroz,
brinquinhos de pouco brilho me
tornam mais bondosa. Fora minhas
irmãs, que também pagam imposto
ao mesmo comedimento, quase
ninguém notou. Fiquei mais
corajosa, igual a mulheres que
julgava levianas e eram só mais
humildes.

PRADO, Adélia. *Miserere*. Rio de Janeiro: Record, 2014, p.25.

Em uma leitura inicial, percebemos que o eu-poético que fala no poema é feminino e parece narrar uma história. A concretização do desejo de furar as orelhas modifica a identidade dessa voz que fala no poema e que nos convida a refletir sobre a condição social da mulher.

Percebemos em sua elaboração formal que se trata de um poema de versos livres, sem rimas, porém rico em criação de imagens. A linguagem simples remete ao cotidiano, a situações frequentes e a uma sequência de imagens e metáforas, como “vida lírica/ brinquinhos de pouco brilho/ Fiquei mais corajosa”.

Essa “vida lírica” remete-nos a postura inicialmente submissa dessa mulher, que aceita líricamente o lugar e a vida que lhe é imposta socialmente. Os “brinquinhos de pouco brilho” são ainda resquícios de um comedimento a ser superado. Furam-se as orelhas, mas os primeiros brincos são pequenos e sem brilho, discretos para não chamar a atenção, conforme deve ter sido todas as orientações de postura e comportamento dessa mulher. Ela torna-se “mais corajosa” após concretizar esse desejo, antes reprimido, modifica seu corpo e seu jeito de olhar o mundo também se modifica, fica diferente.

Segundo Wiechmann (2010), é frequente a presença de poemas narrativos na obra de Adélia Prado, e, convencional e tradicionalmente, tal característica narrativa é mais comum à prosa do que à poesia. A presença de elementos da narrativa em um poema contribui com a aproximação da linguagem poética à linguagem do cotidiano.

O rompimento das fronteiras entre discurso poético e prosaico se dá, portanto, pela apropriação da oralidade do cotidiano. Em outros poemas, soma-se a isso o uso do discurso direto, de interjeições e de elementos da cultura popular como matéria poética que, ao mesmo tempo em que reforçam a aproximação entre prosa e poesia, também evidenciam a tendência da poeta à primeira forma em detrimento da segunda. (WIECHMANN, 2010, p. 35).

Assim, percebemos que a poética de Adélia Prado é permeada por elementos que remetem ao cotidiano; no poema em questão, a aceitação que inicialmente o eu-poético aparentava ter em sua condição de sujeito reprimido. Nos versos 1 e 2, vemos que o eupoético já tem essa consciência de sua condição subalterna. Podemos compreender pelo verso 2 como esse sujeito tinha clara essa condição, pois não percebia onde sofria, já que, no verso 1, sua vida era líricamente romantizada.

Segundo Spivak (2012), “quando passamos à questão concomitante da consciência do subalterno, a noção daquilo que o trabalho *não* pode dizer se torna importante” (SPIVAK, 2012, p. 83). Mais adiante, fica clara essa condição de subalternidade e silenciamento, logo no verso seguinte, verso 3, em que se afirma “depois de décadas de reprimido desejo/ furei as orelhas”. Tudo o que não se podia fazer/ dizer era, de fato, importante. Esse sujeito não poderia falar e realizar seus desejos, sendo silenciado pela condição oprimida, como uma nova forma de colonização.

Os versos 3 e 4 apresentam talvez a metáfora mais simbólica do poema, o ato de furar as orelhas. Ao realizar esse antigo e reprimido desejo, essa voz que fala no poema se modifica, conforme irá se revelar ao final. O ato de furar minimamente a orelha é também um ato de “rebelia” e um empoderamento. Porém, no poema, fica claro que se trata de brinco sutil, delicado e discreto, pois mesmo na convenção de vestuário e adereços socialmente impostos à mulher, há uma gradação e “sub-valores”. É preciso ornar-se para ser feminina e agradar, mas sem exageros ou objetos extravagantes, que levam a mulher a ser considerada “leviana”, conforme dito no poema, ou ainda, vulgar. Sobre a questão do desejo, Young (2005) traz uma reflexão sobre o tema como algo muito mais amplo, que ultrapassa a esfera do individual, pois, para o autor, “O desejo é antes um produto social do que individual” (YOUNG, 2005, p.206). A partir dessa compreensão proposta por Young (2005), mais do que um simples desejo individual, considerando-o como

social, certamente o desejo de libertação da condição que a impedia de “furar as orelhas” era também desejada por outras mulheres.

Tal reflexão é pertinente diante do poema, pois nos versos 8, 9 e 10, há uma referência clara ao citar as pessoas que notaram a mudança no corpo. O furo na orelha é notado por outras mulheres da mesma família, as “irmãs que pagam imposto ao mesmo comedimento”. Mulheres que também sofriam na pele o preço pago a essa condição de valores socialmente impostos. Comedimento este que teve de ser vencido pela mulher que obteve coragem e modifica sua situação ao realizar o desejo.

Os versos 5, 6 e 7 já apresentam indícios e ainda resquícios desse comedimento. O primeiro par de brincos utilizado tinha características precisas, eram “miúdos como grãos de arroz e de pouco brilho”, o que demonstra ainda limitação e discrição no processo de modificação do corpo e, conseqüentemente, na realização dos desejos. Somados aos adjetivos “miúdos” e “de pouco brilho”, temos a condição dessa voz feminina que fala, que se torna mais “bondosa” ao usar esse tipo de adorno.

Sobre comedimento, que parece ser comum às mulheres, segundo a descrição do poema, Oliveira (1991) afirma que há motivos que causam tal efeito nas mulheres, entre eles o medo do sucesso e também o medo do fracasso, pois:

As mulheres querem mudar de vida mas temem as conseqüências da mudança. Têm medo de questionar sua autoimagem tradicional sem a certeza de encontrar outra mais satisfatória por meio de sua inserção no mundo do trabalho. Têm medo de não estarem mais em condições de desempenhar seu papel de alicerce emotivo e afetivo da família sem a certeza de encontrar compensações em suas atividades profissionais (OLIVEIRA, 1991, p.84).

O “novo”, a mudança de atitude ou o imprevisível sempre causam medo e culpa nas mulheres, seja por sua inserção no mundo do trabalho, conforme trata a autora, ou pela cobrança social em relação ao que é esperado para elas. A perda desse lugar aparentemente seguro, que é onde a sociedade acredita que devem estar as mulheres, significa uma instabilidade grande, com que, talvez, ainda não se saiba lidar. A sociedade cria estereótipos e padrões de feminilidade e há uma grande expectativa para que todas as mulheres correspondam a eles.

Para Butler (2003, p.24), “por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído”. Assim, a construção da identidade de gênero é feita social e culturalmente, não sendo fixa e acabada, mas estando em constante trânsito, em fluida e dinâmica construção. Dessa forma, não é possível que todas as mulheres correspondam a estereótipos, que por si, não contribuem para as questões de gênero, pois cada pessoa tem sua vivência, suas experiências, seus desejos e necessidades distintas, sendo uma pluralidade de discursos que convivem em constante construção.

Nos versos 8, 9 e 10, nessa referência que remete ainda “às irmãs que pagam imposto ao mesmo comedimento”, podemos compreender o sentimento de identificação com outras mulheres, como um gesto de altruísmo e sororidade. Para Schmidt (1999, p. 28) “a mulher na literatura logra apontar para uma zona paradoxal de confluências e diferenças em que a outra somos nós e nós somos a outra”. Esse é um importante princípio

para os estudos feministas, que garantem uma identificação e união entre as mulheres pela causa e busca de conquistas políticas. Daí a importância do protagonismo e da autoria feminina, por questões de representatividade e luta política.

Além disso, concordamos com Spivak (2012, p.127), quando afirma que “ignorar o subalterno hoje é – quer se queira, quer não – continuar o projeto imperialista”. Diante disso, podemos afirmar que a autora tem uma atitude descolonizadora ao abordar no poema uma voz feminina que consegue se emancipar da condição opressora em que vivia, realizando seu desejo reprimido, modificando o seu corpo e fortalecendo a sua identidade.

Nos versos 12,13 e 14, que encerram o poema, o eu-poético afirma-se “mais corajosa/ igual a mulheres que julgava levianas/ e eram só mais humildes.” Modifica-se o jeito de pensar e de olhar outras mulheres ao mudar o corpo. A experiência modifica toda a vida desse sujeito feminino, mais do que fortalecida, ela sente-se corajosa. Ao encorajar-se, passa a observar as situações sociais de modo diferente, permitindo-se outras experiências.

Sobre a importância do conceito de experiência, Schmidt (1999) afirma que “reconfigurado, deslocado do empírico mas não da materialidade do vivido e do sentido, é indispensável e operacional na manutenção material da teoria feminista, pois funda, recorta e singulariza a posicionalidade do sujeito feminino no conhecimento”(SCHMIDT, 1999, p. 31). Assim, reafirmamos a importância da autoria feminina, da mulher com suas leituras e experiências, das pesquisas que contemplam as questões de gênero e sua luta para ascender e ter acesso ao conhecimento para os avanços dos estudos feministas.

Adélia Prado consegue apresentar um eu-poético feminino que tenta desmembrar-se das atitudes que a vinculam à tradição patriarcal, deslocando-se de um ideal de feminilidade submissa à figura do homem, conforme afirma Wiechmann (2010). Adélia Prado trata da complexa condição da mulher de modo poético, bonito e aparentemente simples, levando-nos a refletir sobre os estereótipos sociais de gêneros, promovendo uma discussão e compreensão mais plural e fluida acerca da categoria de gênero.

5. Considerações finais

Ao longo deste estudo, refletimos, mesmo que brevemente, sobre o pós-colonialismo e seus efeitos ainda recorrentes na sociedade, principalmente no tocante às condições sociais do sujeito feminino subalternizado. A experiência colonial segue afetando as relações existentes, sendo necessária a sua constante discussão.

Consideramos a literatura também como um locus de tensões, no qual é possível pensar a tecnologia de gênero, um lugar favorável à discussão e reflexão da categoria de gênero como plural, fluida e dinâmica, e não apenas fixa e acabada. Nesse sentido, o poema de Adélia Prado ajuda-nos nessa compreensão e (des)construção da identidade de gênero como culturalmente construída e não sexualmente determinada.

A partir das reflexões acerca do poema *Pingentes de citrino*, retomamos a ideia de que o pessoal é político, e de que as dores e os sofrimentos sentidos pelas mulheres são não apenas de responsabilidade individual, mas também política e social. Tendo sido

subalternizadas, são evidentes até a contemporaneidade as marcas deixadas por essa opressão. Por isso, é também importante refletir e desconstruir o discurso do patriarcalismo, que persiste em atuar como uma nova forma de colonialismo, oprimindo, excluindo e rejeitando.

Logo, é preciso reconhecer a importância do protagonismo e da autoria feminina, a fim de que as mulheres tenham a oportunidade de refazer suas histórias, partilhar experiências e leituras (de vida e de mundo) e reconstruir suas identidades. Feminizar o mundo ainda é preciso, expondo e compartilhando com a sociedade um grande peso que as mulheres já suportam sozinhas há muitos séculos.

Da mesma forma que o sujeito feminino do poema consegue se encorajar e se emancipar, apesar de suas dores, comedimentos e anseios, que a literatura possa seguir em constante contribuição para a discussão da categoria de gênero, emancipando e encorajando pessoas através do discurso literário, da beleza e sensibilidade da palavra poética. Que possamos olhar a literatura com olhar emancipador, produzindo discursos favoráveis à reflexão de gênero e com atitudes descolonizadoras, o que, ao fim e ao cabo, retira grilhões também de homens em condição de subalternidade, os quais não são pouco numerosos.

Referências bibliográficas

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Ed. Liv Sovik. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e impasses**. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença**. O feminino emergente. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- PRADO, Adélia. **Miserere**. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- PRYSTHON, Angela. Pós-colonialismo e Estudos Culturais Latino-Americanos Contemporâneos. **Cosmopolitismos Periféricos: Ensaio sobre Modernidade, PósModernidade e Estudos Culturais na América Latina**. Recife: Bagaço, 2002.
- SCHMIDT, Rita Therezinha. Recortes de uma história: a construção de um fazer/saber. In: RAMALHO, Christina (Org.). **Literatura e Feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Elo, 1999.
- SPIVAK, Gayatri, Ch. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: EDUFMG, 2012.
- WIECHMANN, Natalia Helena. **A poesia de Adélia Prado: expressão feminina do cotidiano e do sublime**. UNESP, 2010. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara, 2010.

YOUNG, Robert J. C. **Desejo colonial**. Hibridismo em teoria, cultura e raça. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2005.

